

EDITORIAL

Artigos, resumos e resenhas que vem à lume neste número da *Amazônica* formam um conjunto especialmente singular, pois (1) os escritos rompem as fronteiras disciplinares e, não apenas, no campo da Antropologia; (2) os autores indígenas se fazem presentes pela primeira vez em nossas páginas, estudantes de pós-graduação e graduação ingressos no ensino superior via políticas afirmativas, escrevendo sobre suas lutas políticas; (3) os temas abordados nos trabalhos permitem leituras diversas e associações interessantes, por exemplo sobre patrimônios para além de “pedra e cal”, apresentando os domínios do religioso tanto do ponto de vista do evento do Círio de Nazaré, como pela tradição de cura de rezadores e, ainda, pela alimentação pouco conhecida e estudada entre os quilombolas; (4) o exercício da comparação, tão requerido ao estudo da Amazônia, que focaliza ações governamentais tanto em relação ao patrimônio, como em relação as reproduções, via relações coloniais, no campo da Arquitetura e dos Direitos Humanos referidos nos diferentes textos como direito à alimentação, à orientação sexual, à manutenção de conhecimentos e saberes tradicionais ou não; afora (5) o questionamento dos novos modos de fazer no campo da Antropologia tanto pelas demandas referentes aos tombamentos como pelo requerimento de participação apresentado pelos povos indígenas em ações antes realizadas exclusivamente pelos arqueólogos ou a apresentação dos quilombolas crianças como sujeitos cientes de tradições, indicando os caminhos das marcações identitárias até então pouco visíveis.

Agradecemos aos autores pela disponibilidade de contribuir e aos pareceristas pelo trabalho de analisar e sugerir, que muito nos auxiliou na tarefa de mostrar temas, problemas e dados empíricos sobre a Amazônia ou, ainda, relevantes para o estudo dos estilos de vida e comunicação, na região, pelo diálogo que se pode fazer com os demais modos de conceber a vida e os direitos entre grupos vulnerabilizados pela ausência de políticas públicas adequadas e pertinentes ao Brasil de muitas facetas.

As Editoras



EDITORIAL

The articles that come to light in this issue are especially unique because (1) the writings break disciplinary boundaries, and not only in the field of anthropology, (2) the indigenous authors are present for the first time in our pages - graduate students who entered the university through affirmative action policies, and now write about their political struggles, (3) the topics covered allow for several readings and interpretations, for example on approaches to cultural heritage, focusing on religion (analyzing the *Círio de Nazaré*), the healing prayers tradition, and also the poorly known food habits of quilombola communities; (4) they allow for comparisons, focusing on governmental policies regarding cultural heritage, as well as human rights as related to nutrition, sexuality, local knowledge, and so on; (5) of the questioning of new ways of doing in the field of anthropology, on one hand related to the demands concerning national heritage, and on the other hand concerning the indigenous peoples demands on participation in situations earlier reserved only for archaeologists. Is not too much to highlight the presentation of Maroon's children as subjects aware of traditions; all of that indicate new paths to identity markers until now barely visible.

We thank the authors for their willingness to contribute, and the reviewers for the effort of analyzing and suggesting changes. They have helped us in the task of presenting issues, problems, and empirical data on Amazonian anthropology, so relevant to the study of lifestyles and ethnically diverse people in region. We thank the authors for showing other ways of understanding life and the rights

of disenfranchised groups in the absence of appropriate public policies to such a diverse country as Brazil.

The Editors

